

**AS ESCRITAS, O GÊNERO E A DISTRIBUIÇÃO DA AGÊNCIA NO
DISPOSITIVO BANHEIRO PÚBLICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA**

**THE WRITINGS, GENDER AND DISTRIBUTION OF AGENCY IN THE
PUBLIC RESTROOM APPARATUS OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF
SANTA CATARINA**

Atilio Butturi Junior¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Bárbara Grapes Flores²

Universidade Federal de Santa Catarina

João Rio dos Santos³

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo parte da arqueogenealogia foucaultiana e dos debates que relacionam gênero e neomaterialismo para analisar as escritas dos banheiros da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tendo em vista a produção dos escritos como parte da produção de um masculino e de um feminino no interior do que chamamos de dispositivo banheiro público. O corpus é formado por 74 imagens, tiradas em junho de 2022 e em janeiro de 2023, de banheiros localizados na Biblioteca Universitária e do Centro de Comunicação e Expressão, ambos da UFSC. Notou-se que as escritas de banheiro são parte de uma ecologia discursiva na qual estão em associação agentes humanos – como sujeitos gendrados e racializados – e agentes não-humanos, como a arquitetura e até mesmo os fluidos corporais encontrados na pesquisa. Nossas análises ainda mostram que há uma produção diferencial nos banheiros masculinos e femininos, que diz respeito sobretudo às estratégias e a visibilização da sexualidade e da política. Por fim, pudemos concluir, em relação à literatura clássica do Brasil, que há uma permanência de certas práticas discursivas gendradas, de modo geral, ainda que se possa notar alguns deslocamentos não irrelevantes.

Palavras-chave: Banheiros públicos; Escritas latrinárias; Universidade Federal de Santa Catarina; Neomaterialismo; Gênero.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: a_butri@yahoo.com.br.

² Bolsista de Iniciação Científica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); graduanda do curso de Letras-Português da UFSC. E-mail: barbaragflores2002@gmail.com.

³ Bolsista de Iniciação Científica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); graduando do curso de Letras-Português da UFSC. E-mail: i.ncrivelrio@gmail.com.

Abstract: This article departs from the Foucauldian archeogenealogy and the debates that relate gender and neomaterialism to analyze the writings of the restrooms at the Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), having in mind the production of the writings as part of the production of a masculine and a feminine, inside public restroom apparatus. The corpus is formed by 74 images, taken in June 2022 and January 2023, of bathrooms located in the University Library and the Communication and Expression Center, both of the UFSC. It was noted that restrooms writings are part of a discursive ecology in which human agents - such as gendred and racialized subjects - and non-human agents, such as the architecture and even the bodily fluids found in the research, are in association. Our analyses also show that there is a differential production in the men's and women's restrooms, which concerns mainly the strategies and the visibility of sexuality and politics. Finally, we could conclude, in relation to classic literature in Brazil, that there is a permanence of certain gender discursive practices, in general, even if some not irrelevant displacements can be noticed.

Keywords: Public restroom; Latrinary writings; Federal University of Santa Catarina; Neomaterialism; Gender.

Submetido em 17 de fevereiro de 2023.

Aprovado em 24 de fevereiro de 2023.

Introdução

No dia 28 de setembro, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), uma escrita no banheiro feminino do Centro de Educação foi responsável pela instauração de um inquérito que investiga, ainda, um crime de racismo contra uma estudante quilombola. No percurso de outra investigação, qual seja, de células nazistas da qual faziam parte estudantes da UFSC, a comunidade universitária e os movimentos estudantis e sociais se engajaram numa série de ações que diziam respeito tanto a estratégias de investigação (como canais de comunicação dos crimes) quanto de criação de cursos e eventos pedagógicos sobre os temas (UFSC, 2022).

Um ano antes, a rede de *fast food* Burger King sofreu uma série de ataques – e de resistências e adesão – porque inaugurou banheiros ‘multigênero’. Sobretudo nas redes sociais, passou-se a uma espécie de pânico moral (COWAN; 2014; BIROLI; VAGGIONE; MACHADO, 2020) relativo ao gênero, segundo a ordem de um discurso natural-religioso que tem marcado o neoconservadorismo e seus ataques aos direitos das mulheres e das pessoas LGBTQIAP+, notadamente as pessoas trans (ASSIS, 2021). Dessa perspectiva, Halberstam (2017) já apontava que “[...] a importância do paradigma arquitetônico não passa despercebida a qualquer pessoa que tenha visitado um banheiro público recentemente” (HALBERSTAM, 2017, p.169, tradução nossa).

Nos dois casos – e em muitos outros –, parece que essa topologia pública, o banheiro, tornou-se, mais visível naquilo que guarda de uma associação entre uma

arquitetura, as normas de gêneros, as exceções racializante e, no caso do Brasil, o adensamento que, no bolsonarismo, assistimos incrédulos e que dizia respeito a estratégias de produção de uma governamentalidade neoliberal-cristã: um amálgama de neoliberalismo econômico, por um lado, e ultraconservadorismo moral, cuja série no Brasil remonta à Constituinte (ao menos) (COWAN, 2004).

Ora, neste texto partimos justamente das disputas sobre esse território e dos esforços de desterritorialização, nos termos de Deleuze (2005), que ele guarda. Nosso objeto é o banheiro público, que ganhou atenção de antropólogos, sociólogos, psicólogos, etnógrafos - desde o início do século XX, como abordaremos – e de analistas do discurso, mais recentemente. Metodologicamente, nossas análises se pautam: i) na arqueogenealogia foucaultiana, sobretudo nos conceitos de enunciado, de dispositivo e de biopolítica; ii) no debate sobre a produção dos gêneros e a relação necessária entre humanos e não-humanos inscrita nesse processo, segundo uma análise neomaterialista dos discursos.

Nosso corpus é formado por 74 fotografias, tiradas em junho de 2022 e em janeiro de 2023, dos banheiros da Biblioteca Universitária da UFSC, escolhido por se um espaço em que circulam pessoas de todos os cursos da instituição. Dessas 74, escolhemos 10, que materializam as regularidades e estratégias que daremos a ver. Além desses banheiros, também foram fotografados os do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC, por abrigarem o curso de Letras onde, supostamente, já se tem estabelecida uma discussão curricular acerca da generificação.

Para organizar o escrito, inicialmente tratamos dos pressupostos teórico-metodológicos. Adiante, apresentamos o conceito de ‘latrinária’ e de ‘grafite de banheiro’, a fim de descrever suas condições de possibilidade e seu funcionamento; por fim, passamos à análise dos escritos dos banheiros da UFSC, nosso corpus.

1. O dispositivo banheiro público e a distribuição biopolítica generificada da agência

Inicialmente, faremos uma breve descrição de nossos pressupostos teórico-metodológicos. Inscritos na chamada análise do discurso foucaultiana e num esforço de pensar as escritas de banheiro na associação entre humanos e não-humanos, da perspectiva da produção de gênero, é mister esclarecer alguns conceitos com que trabalhamos. Essa é a tarefa da presente seção.

1.1. Práticas discursivas, dispositivos e materialidades

O primeiro deles é o de prática discursiva, definido por Foucault (2012) a partir do enunciado e da formação discursiva: o primeiro, como função enunciativa e relacional, que está no limite entre a linguagem e o mundo; o segundo, como possibilidade de estabelecer uma relação entre o surgimento de objetos, conceitos, estratégias e modalidades de sujeito. Ora, o que está em jogo nessas definições é que os discursos e as práticas discursivas são históricos e são “[...] objeto de uma luta, e de uma luta política” (FOUCAULT, 2012, p.148) que coloca em cena certos problemas e não outros. Diretamente, nosso questionamento se dá na senda foucaultiana e diz respeito à pergunta: por que aparecem esses enunciados e não outros?

A reboque de sua política relacional (DELEUZE, 2005), também nos interessa pensar as escritas do banheiro em sua constitutividade com as relações de poder, justamente porque nossa hipótese é a de uma distribuição generificada específica dos escritos. Dito de outro modo, a produção de diferenças e exceções a partir da incomensurabilidade entre um suposto masculino e um suposto feminino (BUTLER, 2003). Para tanto, assumimos o par ‘saber-poder’ determinado já em *Vigiar e Punir*, (FOUCAULT, 1999) assim como seus efeitos de invenção da normalidade e da anormalidade, bem como dos modos de disciplinar e controlar corpos e sujeitos, por um lado, e de possibilitar a existência de toda sorte de resistências, numa agonística: “Rather than speaking of an essencial freedom, it would be better to speak of an ‘agonism’ – of a relationship wich is the same time reciprocal incitation and struggle [...]” (FOUCAULT *apud* DREYFUS; RABINOW, 1983, p.222).

Leiamos Foucault: o agonismo é sempre uma relação recíproca, uma incitação e uma luta. Em 1976, ele afirmará que o poder é “[...] o nome dado a uma situação estratégica numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 2010, p. 103). O autor propõe inverter o princípio de Clausewitz: a política se torna uma guerra prolongada. Diferente da guerra, a política pode ter sua luta de forças codificada. Próxima da guerra, essa codificação nunca é totalmente saturável e sempre é formada de “[...] correlações de força desequilibradas, heterogêneas, instáveis, tensas.” (FOUCAULT, 2010, p. 104).

Nesse cadinho teórico, entre o discurso e o poder – ou em seu hífen -, nos valeremos do conceito de dispositivo, justamente pela demanda de nosso corpus, a saber, a de pensar o vértice entre práticas discursivas e não-discursivas, humanos e não-humanos. A definição de dispositivo aparecerá numa entrevista de 1977, muito embora Foucault (2009) as tenha usado já em *A Vontade de Saber* (FOUCAULT, 2009).

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos a do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre estes elementos heterogêneos. [...] Em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudança de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante (FOUCAULT, 2009, p.244).

É mister notar, ainda que de modo esquemático – visto não ser este um texto teórico, mas analítico – em que o dispositivo passa a operar na arqueogenealogia de modo a dar conta de dois grandes problemas: i) o da gestão da vida e o da produção de exceção entre modos de vida, que sustentam o que Foucault (data) vai chamar de biopolítica; ii) o dos cálculos e estratégias de gestão das pessoas e das coisas, a que ele vai chamar de governamentalidade. Ambos os problemas aparecerão, a partir do século XVIII, segundo ele, num dispositivo de segurança, no qual entram em questão os sujeitos, a invenção de riscos e os cálculos sobre o governo de sujeitos e coisas, cujo cerne é a otimização dos recursos e das estratégias, no surgimento do liberalismo e, posteriormente, do neoliberalismo.

O que nos interessa, então, é interrogar o que passamos a chamar do dispositivo banheiro público à luz do dispositivo da segurança, da biopolítica e da governamentalidade. Isso tem como produto trazer à tona o debate de Lemke (2016) e sobre a relação, já solicitada aqui, entre o discursivo e o não-discursivo, numa leitura neomaterialista e gendrada do dispositivo banheiro público, porta de entrada do nosso objeto, as escritas latrinárias.

1.2. A agência gendrada da associação matéria-discurso no dispositivo banheiro público

Tratemos, pois, do que a partir daqui tomaremos como uma análise neomaterialista dos discursos. Tendo em vista o que autoras como Barad (2017) e Bennet (2010) têm advogado, o neomaterialismo e o realismo agencial se pautam numa suspeição em relação à linguagem, entendida como discurso, como principal lugar teórico-metodológico, visto que essa concepção se pautaria num antropologismo. Dito de outro modo, só ao homem seria dada a linguagem e só ela era a garantia de agência – a capacidade de produzir efeitos. O que elas exigem é uma postura de questionamento dessa

centralidade, ao colocar o problema das associações (LATOURE, 2004) e da intra-ação⁴ (BARAD, 2017). No limite, isso equivale a pensar o compósito discurso-coisa, ou, dito de outro modo, de radicalizar o hífen que, na arqueogenealogia foucaultiana – como já observado por Lemke (2016) – coloca o discursivo e o não-discursivo como partes de um mesmo jogo.

O dispositivo banheiro público, dessa perspectiva neomaterialista dos discursos, tem duas leituras interessantes, a que recorreremos. A primeira é de Preciado (2019), para quem o banheiro é um espaço de uso diário para realização das necessidades fisiológicas que, tornado dispositivo público, ganha funções gendradas e produz exceções. Para Preciado, há um funcionamento normativa que rege seu uso - dividido em banheiros “femininos” e “masculinos” a partir de suas genitálias. Tal divisão indica quem é que pode e deve usar determinados banheiros, o que vai depender da interpretação generalizada de caráter binário dos corpos. Assim, em um espaço arquitetonicamente planejado, portanto, no limite entre o discursivo e o não-discursivo, segundo uma concepção binária de gênero (PRECIADO, 2019), os corpos são classificados de uma forma rígida e impositiva (aceita pela maioria das pessoas de forma automática, mas gerando questões importantes para pessoas trans) que tem por “estratégia dominante” a manutenção de um governo biopoliticamente gendrado. Como aponta Colling (2018), podemos dizer que a arquitetura do banheiro é mesmo constitutiva da incomensurabilidade e da exigência de ‘coerência’ entre sexo (marcado no corpo como pênis e vagina), gênero, desejo e a prática sexual. Entretanto, como se sabe, essa associação e a relação mimética entre sexo e gênero excluem diversas formas de vida e corporalidades que não se encontram dentro dessa concepção cisheterobinarista.

A segunda leitura é de Shababar (2016), que inclusive reivindica o realismo agencial como pacto ontológico de sua pesquisa. A autora parte das contestações de J. Jack Halberstam (2017) acerca do ‘*bathroom problem*’ e do binarismo cisheteronormativo como estratégia de exceção e de racialização (nos termos de Foucault, como as várias formas de exceção e exclusão cujo limite é a morte) das pessoas trans ou não-binárias. A partir daí, faz notar que há uma arquitetura de gênero: desde as placas de identificação, passando pela distribuição dos mictórios coletivos e pelos reservados, até a disposição dos espelhos. Chega, finalmente, aos escritos de banheiros públicos (lidos por ela como *graffiti*), se constituem como uma *assemblage* entre elementos discursivos e

⁴ A intra-ação é considerada por Barad (2017) como a relação a priori que humanos e não-humanos, discurso e coisas guardam entre si. Não se trata de interação entre individuais, mas sempre de compósitos.

não-discursivos, humanos e não-humanos. Ao investigar os escritos de pessoas queer, ela afirma esse caráter (neo)material-discursivo em que têm força e poder de agência, ou seja, de produção de efeitos, tanto a arquitetura quanto os discursos de gênero, tanto as normas e as leis quanto o modo pelo qual estão distribuídos os sanitários: “*Queer bathroom is na affective assemblage*” (HALBERSTAM, 2017, p.12).

É nesse dispositivo biopolítico banheiro público e na intra-ação que ele exige que encontraremos as escritas, objeto da próxima seção.

2. A escrita no dispositivo banheiro

Nesta seção, inicialmente voltam-nos para uma breve revisão bibliográfica sobre os estudos das escritas em banheiros públicos, inteligidos como *graffiti* ou pixe, e neles apontamos uma não-insignificante prevalência de diferenciação entre aquilo que caracteriza uma escrita masculina e o que caracteriza uma feminina. Vamos notar que quase a totalidade dessa literatura dá pouco espaço para a escrita de pessoas trans, o que parece corroborar o banheiro como espaço de produção de anormalização.

A pesquisa sobre os banheiros público no vértice entre a sexualidade e o gênero ganhou fôlego a partir dos finais da década de sessenta e os inícios da década de setenta do século XX, no Ocidente, e do acontecimento do corpo e da privacidade como grandes questões para as ciências humanas e a filosofia (SANT’ANNA; BUTTURI JUNIOR, 2020). É nessa época, por exemplo, que o estudo de Humphreys (1970) sobre o comportamento sexual dos homens cis em banheiros públicos nos Estados Unidos apareceu, entre muitos outros. Alguns anos antes, Dundes (1966) apresentava seu estudo etnográfico sobre o que chamava de ‘latrinária’: os *graffitis* em banheiros públicos. O autor informa, antes, que os folcloristas haviam trabalhado sobre o tema geral dos escritos públicos, como *graffiti*, e que a problematização dos banheiros como espaços de sexualidade, notadamente homossexual, poderia sugerir uma especificidade – a que ele recorre para investigar a latrinária.

É também em Dundes (1966, p. 94) que os escritos nos banheiros públicos como latrinária, do ponto de vista etnográfico, passam a funcionar como marca de separação entre um discurso da limpeza e outro da sujeira, já que nos banheiros públicos as fezes e a urina dividem espaço com a sexualidade e várias modalidades de enunciação. Para ele, a latrinária aparecia em cinco categorias, não excludentes: 1) solicitação, geralmente sexual; 2) discussão dos próprios atos fisiológicos; 3) instruções, falsas ou verdadeiras;

4) comentários sobre o *stabelishment*, de ordem política; 5) lamentos ou de pensamentos pessoais. A coleta de dados conta com escritos da década de vinte até 1965.

Para fins deste texto, atentemos para a estratégia de psicológica e psicanalítica de análise do autor. Primeiro, ele retoma Read (1963) para pensar a latrinária como um funcionamento psíquico que permite ao sujeito quebrar tabus; adiante, assume com os psicanalistas o discurso de que é “a base anal-erótica” (DUNDES, 1966, p.103) o que sustenta esses escritos. Justamente por isso é que prevalecem os escritos de cunho sexual produzidos por homens – já que a criação de filhos seria um substituto para as pulsões interditado aos homens cis (DUNDES, 1966).

Traçamos, aqui, um recorte de ordem metodológica: diferente dos trabalhos que pensam as escritas como resistência ou transgressão (DUNDES, 1966; BORDIN, 2005), insistimos na agonística foucaultiana e nas associações que pautam a análise neomaterialista para interrogar as escritas do dispositivo banheiro em seu funcionamento relacionado à distribuição de gêneros. Isso equivale a não tomar a transgressão como ponto de partida ou como suplantação dos regimes de dizer e existir, mas de entender o jogo que se estabelece entre os elementos discursivos e não-discursivos que essas escritas demandam.

Dessa perspectiva, o *graffiti* e o *pixe*⁵ aparecem como possibilidades estratégicas que a própria literatura sobre o tema tem utilizado, seja para inventar uma cisão entre o estético e o político, a arte popular e o crime, seja para estabelecer uma escrita que se forja como que em um contínuo de resistências, que vai do *graffiti* histórico de Pompeia até a pixação das pessoas periféricas. Aqui, não assumiremos essa teleologia, mas faremos notar, brevemente, como ela se estabelece na problematização dos escritos no Brasil (de forma mais central). Assim, preferiremos usar escritos de banheiro ao invés de latrinário, *graffiti* ou *pixe*, de modo a pensar essas inscrições na dispersão em que aparecem e nas associações que podem guardar – muito embora entendamos que se trata de um regime de seriação possível.

Feitas essas ressalvas, é preciso ler algumas das reflexões que estabelecem relações entre o dispositivo banheiro público, como o descrevemos, as escritas de banheiro e o gênero.

No Brasil, talvez o mais relevante é o texto *A literatura proibida* (BARBOSA, 1984), cujo prefácio é de Herbert Daniel – antropólogo e militante homossexual.

⁵ Almeida (2019) vai grafar *pixe* para indicar a força da resistência e é para manter esse efeito que também utilizaremos.

Chamamos a atenção para este prefácio, que afirma que o livro é “um elogio à liberdade” (BARBOSA, 1984). Ora, é como transgressão que essas escritas são materializadas e é essa série que será de vários modos retomada em muitos dos escritos brasileiros, que recorrem a Dundes (1966) e, mais efetivamente, a Barbosa (1984) (como DAMIÃO; TEIXEIRA, 2009; ALMEIDA, 2019; ALVES; MATIAS; PEREIRA, 2011; BONFANTE; MARINO, 2013).

De acordo com Barbosa (1984), foi a necessidade de se comunicar que deu origem às escritas públicas. Elas teriam se iniciado já nas superfícies rochosas que versavam, por exemplo, que registravam o cotidiano da população da época. Assim, ao longo da história, diversos povos, como egípcios, gregos, romanos e outros, realizavam inscrições a fim de deixar sua marca, se expressar, entre outras razões existentes. Em *Banheiros de Pompéia*, (TEIXEIRA; OTTA, 1998) aponta-se que “[...] os romanos produziam inscrições em grego nas paredes dos banheiros de suas casas” (TEIXEIRA; OTTA, 1998, p. 231). Funari (2001, p. 121 *apud* VILELA, 2017), por sua vez, afirma que os grafitos de Pompéia eram feitos pela população romana, mesmo que semi-analfabeta, enquanto Barbosa (1984) dá ênfase a seu caráter popular de transgressão e à sua relação com a sexualidade.

Marquemos essa relação transgressão-sexualidade e voltemos ao início da seção. A escrita de resistência teria se reconfigurado no século XX, quando o conceito de *graffiti* se estabelece como objeto das ciências humanas (VILELA, 2017). Vilela (2017) e Barbosa (1984) vão retomar o acontecimento da luta pelos direitos dos subalternizados da década de sessenta, nos Estados Unidos, a aparição dos grafittis. Tratava-se de uma forma de visibilização e de contestação estratégica para a contracultura. No Brasil, o *graffiti* e a pichação também teriam assumido o caráter transgressivo, principalmente na época da ditadura (VILELA, 2017) –, e que depois ganhou maior popularidade entre os jovens.

No Brasil, dá-se ênfase à diferenciação entre grafito, *graffiti* e pichação (DAMIÃO; TEIXEIRA, 2009, p. 2). A palavra *graffiti* possui origem italiana e refere-se aos registros de épocas antigas (VILELA, 2017, p. 55). Entretanto, como já citado, esse termo está relacionado à prática de escrever e desenhar em paredes com tinta *spray*, atualmente – sobretudo a partir dos anos oitenta do século XX (VILELA, 2017). Já o conceito de pichação/pichação diferencia-se por ser menos formalizado e por ser politicamente lido como mais perigoso. Ora, essa é uma diferença importante e permite a Almeida (2019) assumir o discurso do pixo segundo uma política. Portanto, o aparecimento do primeiro pixo em São Paulo, no início dos anos oitenta, marcava-se pela

contestação e pela presença exclusiva da caligrafia – diferente das imagens do discurso do *graffiti*.

É importante enfatizarmos, pois, que há uma série de regimes de coexistência enunciativa na produção de um discurso sobre o Graffiti/pixo/picho que solicita uma biopolítica e modos de hierarquizar a materialidade e os sujeitos que a produzem numa chave interseccional (CRENSHAW, 2002) em que raça, gênero e vulnerabilidade social-econômica estão sempre em funcionamento. Nessa hierarquização, afirma-se que existem três categorias principais de graffiti: “*tourist graffiti*”, “*inner-city graffiti*” e a “*latrinalia*” (latrinária) (MATTHEWS; SPEERS; BALL, 2012, p. 2). O primeiro é encontrado principalmente em rochas, mesas de piquenique, troncos de árvores e consiste principalmente no registro de nomes e datas. A segunda categoria é identificada pela preocupação dos autores em marcar seus nomes e identidades, bem como com a designação territorial de grupos e gangues pelas cidades. Assim, esse tipo de *graffiti* é geralmente encontrado em grandes paredes de edifícios, metrô e pontes. Por último, a latrinária refere-se aos grafites encontrados em banheiros públicos, que já descrevemos, mas que merecem uma ênfase, ainda: a centralidade dos discursos sobre o gênero e a sexualidade nessas escritas.

Então, vejamos: para Farias Soares (2020), os grafites de banheiro são associados ao que é feito nesse ambiente, atribuindo-se, portanto, “[...] o mesmo status vil e sujo que se atribui à realização de funções fisiológicas de excreção feitas nos banheiros”. (SOARES, 2020, p. 190) Problema, pois, do próprio dispositivo banheiro público e das implicações sobre a cisnormatividade e a sexualidade (FOUCAULT, 1988) em que ele se constitui. Mas do que intentar classificações desse modo, o que nos interessa é inventariar os modos pelos quais se produz gênero e exceção, por um lado, e resistência, por outro.

4. ‘Fazendo banheirão’ na UFSC

‘Fazer banheirão’ é uma expressão inventada pelo discurso dos homossexuais cis masculinos do Brasil. Diz respeito à série de práticas de *cruising* – ou caça – registrada no Brasil ao menos desde o século XIX, de homens cis em busca de sexo com outros homens cis em espaços públicos – praças, parques, banheiros. No século XX, os banheiros públicos – não só no Brasil – foram uma das topologias fundamentais da homossexualidade. ‘Fazer banheirão’, então, pode ser lido como uma estratégia de busca afetivo-sexual num tempo em que a homossexualidade era vista como perigo ou anormalidade (TREVISAN, 2010; GREEN, 2006).

Chamamos a atenção para a topologia como espaço estratégico para os sujeitos. Foucault (data) vai discutir as topologias e as heterotopologias. Primeiro, recorre ao corpo para informar que é ele a topologia da qual não escapamos; depois, vai relatar a produção de espaços-outros no interior dos dispositivos e na relação que guardam com os poderes e saberes. Ora, o dispositivo banheiro público guarda essa ambiguidade entre a regulação e a invenção de práticas e, nessa heterotopia agonística, as escritas de banheiro vão materializar o jogo travado acerca dos gêneros, da orientação do desejo e da produção de discursos e práticas sobre a normalidade e a promiscuidade.

Tendo as discussões precedentes em vista, é o momento de apresentar com mais detalhes nosso corpus e nossas estratégias de pesquisa, o nosso ‘fazer banheiro’: são 74 fotos de escritos de banheiros, tiradas por um acadêmico e uma acadêmica do curso de Letras, no primeiro semestre de 2022. A essas fotos foram acrescentados mais registros, da última semana de janeiro de 2023, dos banheiros que tomamos como corpus: os da Biblioteca Central (BU) e o do Centro de Comunicação e Expressão (CCE) da UFSC, pelas razões que elencamos já na introdução deste artigo.

Em sua materialidade e em sua utilização, os banheiros guardam diferenças: os banheiros da BU são um espaço de trânsito variado muito variado, com pessoas de todos os cursos passando por eles – o que garante um efeito de sigilo e impessoalidade, ao que parece, presente nos escritos, de cunho sexual. Devido à uma limitação logística, pode-se somente fotografar para análise os escritos dos banheiros masculinos centrais, no primeiro e no segundo andar, do prédio. Já a maior parte das fotografias do CCE foram feitas nos banheiros masculino e feminino do primeiro andar do Bloco B, nos quais havia escritos. Além deles, somente no banheiro masculino do terceiro encontramos escritas na porta das cabines de banheiros. Tanto nos banheiros da BU quanto nos banheiros do CCE, há marcas de reparos e pinturas: um esforço para ‘cobrir’ escritos criminosos (racistas, homofóbicos, transfóbicos etc), mas também aqueles que descrevem práticas menos ‘cisheteronormativas’ de prazer.

Essa topologia requer, inicialmente, que entendamos os dispositivos banheiros público na forma de uma ecologia, emprestando esse conceito de Paveau (2021):

Essa perspectiva teórica está assentada na ideia de que os discursos são constitutivamente integrados a seus contextos e não podem ser analisados a partir da matéria linguageira, mas sim como compósitos, que integram o linguageiro e o tecnológico, e igualmente o cultural, o social, o político, o ético, etc (PAVEAU, 2021, p. 159).

Se Paveau (2021) assume o conceito de ecologia para tratar dos discursos digitais e, mais estreitamente, dos discursos digitais nativos, nosso ponto de vista teórico discursivo-neomaterialista parte do pressuposto que também *off line* estamos diante e inseridos em associações (LATOUR, 2004). Os dispositivos banheiro da UFSC, como compósitos material-discursivos, implicam ao mesmo tempo a disposição topológica que descrevemos, a relação entre pertencimento (o CCE) e a dispersão subjetiva (a BU e sua circulação) e as estratégias discursivas que tomam lugar nos escritos. Vejamos as Figuras 1 e 2:

Figura 1 – fotografia do banheiro feminino do CCE da UFSC (jan. 2023)



Fonte: acervo dos autores e da autora (2023).

Figura 2 – Fotografia do banheiro masculino do CCE da UFSC (jun. 2022).



Fonte: acervo dos autores e da autora (2023).

Essa ecologia pode ser lida estritamente em sua inscrição na materialidade discursiva: em todos os banheiros, o que se nota é que os escritos funcionam como *assemblages*: os escritos – verbais ou imagéticos – fazem parte de um compósito que pode ter seus elementos mais ou menos isoláveis. Além disso, eles tendem a comunicar-se entre si, como já apontava a literatura (DUNDES, 1966; BARBOSA, 1984; DAMIÃO; TEIXEIRA, 2009; ALMEIDA, 2019; ALVES; MATIAS; PEREIRA, 2011; BONFANTE; MARINO, 2013).

A *assemblage* também deve ser lida, porém, naquilo que forma o compósito entre escritos, dispositivo banheiro, arquitetura da UFSC, disposição de andares e de pessoas e, no limite, os discursos de gênero (nosso objeto). coloca-se em relação principalmente com duas variáveis estratégicas: a primeira, que diz respeito à localização dos banheiros e que indica uma prevalência de discursos sexuais em espaços mais remotos, enquanto naqueles em que há circulação de discentes e docentes prevalecem os discursos políticos – sobre os quais nos voltaremos adiante. Fica mais nítida a relação do espaço com as materialidades quando procurando por escritos nos banheiros dos outros andares do bloco B do CCE: somente no terceiro andar, encontrou-se algumas escritas com caráter partidário. O que pode explicar isso, é o fato de que, nesse bloco, os andares acima do térreo se compõem apenas por secretarias e salas de professores. Já nos banheiros

masculinos da BU, mais isolados, foi perceptível a maior presença de discursos sexuais. Vejamos a Figura 3:

Figura 3 – Fotografia no banheiro masculino da BU da UFSC (jun. 2022)



Fonte: acervo dos autores e da autora (2022).

Essa topologia e seu caráter agencial, no sentido de produção de efeitos, parece ficar explícita na Imagem 4 e 5: enquanto na 4 vê-se uma massa fechando o *glory hole* no banheiro masculino da BU, há uma espécie de resposta de resistência na imagem seguinte, onde figura o desenho de um *glory hole*⁶ – como uma heterotopia da memória – e lemos: ‘SDDES do glory hole’. Ainda nessa heterotopia, o próprio enunciado da saudade (‘SDDES’) é polivalente, pois diz respeito tanto ao interdito (a massa colocada sobre o buraco, a vigilância) quanto às novas formas de sociabilidade homossexual masculina, menos voltada às práticas de *cruising* e centradas, atualmente, nos dispositivos de geolocalização (MISKOLSIC, 2016).

Figura 4 – Fotografia banheiro masculino da BU da UFSC (jan. 2023).

⁶ O *glory role* é um dispositivo de contato sexual presente em alguns banheiros masculinos e em clubes de *cruising*. Ele consiste num buraco, geralmente redondo, que permite que os usuários tenham contatos sexuais.



Fonte: acervo dos autores e da autora (2023).

Figura 5 – Fotografia do banheiro masculino da BU da UFSC (jan. 2023).



Fonte: acervo dos autores e da autora (2023).

As duas imagens ainda carregam outra marca importante de uma materialidade que aqui marcaremos como um limite ‘biológico-discursivo’: as marcas amareladas na parede e têm, a seu lado, o escrito ‘contador de gozadas’. É, pois, o próprio sêmen que se coloca nesse jogo de discurso, gênero e sexualidade.

Tendo em vista essa ecologia, pudemos notar um funcionamento ainda regulado a partir de duas grandes estratégias relacionadas ao gênero: i) a cisão entre o político e o promíscuo; ii) o acontecimento trans e não-binário. Passemos a elas. Primeiramente, diferente do que a bibliografia sobre os *graffitis* e a latrinária historicamente descreve, os banheiros femininos são os que mais trazem escritos. Permanece, todavia, uma cisão clara

entre as normas de gênero e as formas de subjetividade generificada que produzem. Vejamos um detalhe da primeira foto, a Figura 6:

Figura 6 – Detalhe fotografia do banheiro feminino do CCE da UFSC (jan. 2023).



Fonte: acervo dos autores e da autora (2023).

No centro, em letras pretas, lemos ‘GOZE IDEIAS’. Interessamo-nos por esse enunciado porque ele está na série daqueles cisheteronormativos e dos que autores como normalidade gay (HALPERIN, 2006; BOURCIER, 2020), cujo efeito é o de regular as condutas, nos moldes com que Foucault (data) descreveu o dispositivo da sexualidade. Nesse caso, a sugestão de que há ‘outros modos de gozar’, ‘descorporalizados’ – as ‘ideias’ – sustenta a ecologia gendrada na medida em que junto dele aparecem toda sorte de escritos políticos, em todos os banheiros femininos, que versam sobre racismo, misoginia, cultura do estupro, verbas educacionais etc. Certamente, eles implicam uma positiva participação das mulheres nas lutas e, por conseguinte, na subjetividade e no gênero.

Não obstante essa característica, é mister que leiamos esse enunciado em sua polivalência tática (FOUCAULT, 1988), já que ele aparece num espaço em que não há escritos sexuais visíveis. A diferença em relação aos banheiros masculinos corrobora essa divisão problemática entre o corpo e o prazer, de um lado, e as ideias e a ação política, do

outro – visto que não se encontram muitos escritos políticos nos banheiros masculinos, enquanto imagens e enunciados verbais sexualidade são abundantes.

Ora, se então nos aproximarmos da história, essa cisão merece um questionamento. Assim, se Sant’anna e Butturi (2020) ensinam que é na década de sessenta que o corpo aparece na teoria e que o mesmo corpo ganha espessura política de gendramento e raça, não parece que a opção entre o corpo-sexo e as ideias-política possa fazer sentido. É, porém, numa forma de normalização do corpo político, incidindo sobre as mulheres e homens de forma diferencial, que nos encontramos, e que impacta diretamente nas escritas e nas formas de subjetividade que podemos entrever.

Esse discurso político, não obstante seus limites, materializa disputas bastante atuais, sustentadas pela ascensão da Nova Direita (COWAN, 2014) e pela série de ataques aos direitos das mulheres e das pessoas LGBTQIAP+ a que temos assistido. Nesse caso, é preciso que lembremos que o estado de Santa Catarina é um dos que se destaca pelos votos em candidatos e candidatas conservadores que, inclusive, pleiteiam na câmara dos deputados estadual a produção de leis que retiram direitos reprodutivos e colocam em xeque direitos LGBTQIAP+. A UFSC, notadamente em seus cursos de Ciências Humanas, Letras e Artes, tem funcionado como um espaço de resistência e é justamente essa agonística que se estabelece. Todavia, novamente, nossas análises descrevem uma cisão entre os gêneros: enquanto nos banheiros femininos os escritos têm servido como manifestação e engajamento, nos banheiros masculinos essa função se perde e encontramos, como nas pesquisas da década de oitenta, desenhos ostensivos do corpo feminino e do corpo masculino e, no limite (e também ainda na série de 1980), enunciados da ordem do riso destinado às mulheres (na Figura 7, abaixo, o corpo desenhado de uma mulher é acompanhado do escrito “MULHER É AQUELA COISA CHATA QUE FICA AO REDOR DA BUCETA”).

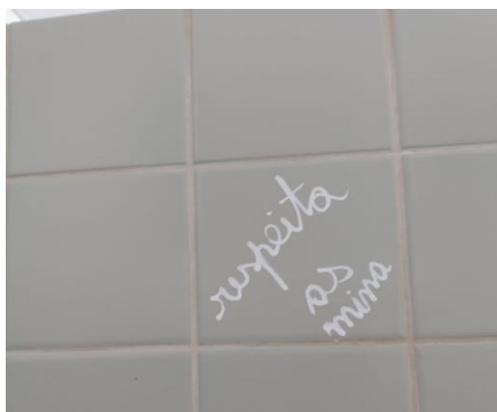
Figura 7 – Fotografia do banheiro masculino da BU da UFSC (jan. 2023).



Fonte: acervo dos autores e da autora (2023).

Se há várias cisões entre a distribuição dos gêneros, o sexo e a política, uma segunda estratégia aparece em nosso corpus e acaba funcionando como uma resistência tanto em relação à cisheteronormatividade quanto à sua materialização nos dispositivos banheiro: as manifestações trans e não-binárias. O jogo material discursivo que produzem pode ser lido, inicialmente, numa retomada do enunciado ‘respeita as mina’, que encontramos em alguns banheiros e que tem um exemplar na Imagem 8:

Figura 8 – Detalhe fotografia do banheiro feminino do CCE da UFSC (jun. 2022).



Fonte: acervo dos autores e da autora (2023).

Ora, na ecologia discursiva dos escritos, ele recebe várias respostas, como se pode notar na Figura 9: em vermelho, ‘pergunta meu pronome antes de olhar para minha teta’

seguido do desenho de um coração e, à direita, ‘espero que incluam as minas que não nascem com vagina’.

Figura 9 – Fotografia do banheiro feminino do CCE da UFSC (jun. 2022).



Fonte: acervo dos autores e da autora (2023).

A lógica de distribuição entre banheiros femininos e masculinos (entre o político e o sexual) ganhar nos enunciados trans uma nova estratégia, que parece retomar os discursos de politização do corpo: um corpo que é ao mesmo tempo sexual e político, como na Figura 10:

Figura 10 – fotografia do banheiro masculino da BU da UFSC (jun. 2022)



Fonte: acervo dos autores e da autora (2023).

Com Halberstam (2017), consideramos que há uma demanda por pensar corpos e subjetividades racializadas (FOUCAULT, 2010) na modalidade da assunção e da visibilidade, em sua diferença. As Figuras 9 e 10, nesse caso, materializam uma série de ambiguidades que caracterizam a emergência de resistência à exclusão que tem caracterizados os dispositivos banheiro público e suas escritas.

Considerações finais

Neste artigo, tivemos por objetivo realizar uma análise discursiva neomaterialista dos escritos no dispositivo banheiro público e na produção generificada que sustentam e produzem. Para tanto, iniciamos com uma apresentação teórico-metodológica de conceitos como discurso, dispositivo e neomaterialismo para, então, passarmos à descrição do corpus: 74 fotografias tiradas em junho de 2022 e janeiro de 2023 nos banheiros da UFSC, das quais 10 foram tomadas para este artigo.

Nossas análises apontaram para uma ecologia discursiva, na qual tanto os escritos quanto outros agentes (topologia, discursos de gênero etc) produzem efeitos de masculino e feminino. Dessa perspectiva, duas grandes estratégias de gendramento puderam ser lidas: a primeira, que cinde o político e o sexual de acordo com uma distribuição entre o feminino e o masculino; a segunda, de retomada dos discursos cisheteronormativos e de aparecimento dos discursos trans, que colocam em xeque, ao mesmo tempo, as normas de gênero e a própria diferenciação gendrada dos banheiros.

Essa reivindicação dos corpos e das subjetividades trans parece ainda estar centrada nos banheiros femininos e nos enunciados das “mina trans” – não temos achados dos ‘manos trans’, por exemplo. Nesse cadinho, também as pessoas não-binárias aparecem e os enunciados em linguagem neutra começam a ganhar espaço⁷, o que permite que vislumbremos um questionamento das normas de gênero que (ainda) regulam as subjetividades nas escritas dos dispositivos banheiro público da UFSC.

Referências

- ALVES, L.; MATIAS, A.; PEREIRA, A. M. Analisando o gênero grafito: do privado para o público. In: *Anais online do Seminário Estudantil de Pesquisa em Letras*. Salvador: UFBA, 2011. Disponível em: < <http://www.sepesq2011.ufba.br> >. Acesso em: 21 dez. 2012.
- ALMEIDA, V. S. Bixa também pixa: a pixação gay nos banheiros masculinos como uma contestação do espaço heteronormativo. *Periódicus*, n. 10. v. 1, p.343-372, 2019. Disponível em: < <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/25282> >. Acesso em: 10 jan. 2023.
- ASSIS, D. Banheiro ‘multigênero’ de fast food no interior de SP repercute na web. *Portal G1*, 12 nov. 2021. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2021/11/12/criticas-de-vereadores-a-banheiro-multigenero-de-fast-food-repercutem-em-rede-social-vai-que-vira-moda.ghtml> >. Acesso em: 21 dez. 2012.
- BARAD, K. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. Trad. Thereza Rocha. *Vazantes*. v.1, n.1, 2017. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/20451> >. Acesso em 24 fev. 2023.
- BARBOSA, G. *Grafitos de banheiro: a literatura proibida*. Pref. Hebert Daniel. São Paulo: Anima, 1986.
- BENNETT, J. *Vibrant Matter - A Political Ecology of Things*. Londres: Duke University Press, 2010.
- BIROLI, F.; VAGGIONE, R. M.; MACHADO, M. D. C. *Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina*. 20. ed. São Paulo, Boitempo Editorial, 2020.
- BONFANTE, G. M.; MARINO, F. U. Do dejetto ao desejo: arquitetura de banheiros como dispositivo de controle da sexualidade. *Interfaces Científicas - Educação*, v. 8, n. 2, p. 117-131, 23 abr. 2020. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n2p117-131> >. Acesso em 24 fev. 2023.

⁷ Em um banheiro feminino, encontramos a forma ‘Você não está sozinha’.

- BORDIN, D. J. *Inscrições de si: da porta de banheiro ao chat*. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2005. Disponível em: < <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/3310> >. Acesso em: 12 dez. 2020.
- BOURCIER, S. *Homo Incorporated: o triângulo e o unicórnio que peida*. Trad. Márcia Bechara. São Paulo: n-1, 2020.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf> >. Acesso em: 12 dez. 2020.
- COLLING, L. *Gênero e sexualidade na atualidade*. Brasil: Superintendência de Educação a Distância, 2018. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30887> >. Acesso em: 18 jul. 2022.
- COWAN, B. A. ‘Nosso terreno’: crise moral, política evangélica e formação da “nova direita” brasileira. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 30, n. 52, p.101-125, 2014. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752014000100006&script=sci_abstract&tlng=pt >. Acesso em: 30 set. 2019.
- DAMIÃO, N. F.; TEIXEIRA, R. P. Grafitos de banheiro e diferenças de gênero: o que os banheiros têm a dizer? *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 61, n. 2, 2009. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/epsic/a/v8wGVrc6PxRhwrBQt4WpCcM/?lang=pt> >. Acesso em: 12 dez. 2020.
- DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. 1983. *Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics*. Chicago: The University of Chicago Press.
- DUNDES, A. Here I sit: a study of american latrinalia. *Kroeber Anthropological Society Papers*, n. 34, p. 91-105, 1966. Disponível em: < <https://digitalassets.lib.berkeley.edu/anthpubs/ucb/text/kas034-010.pdf> >. Acesso em: 23 fev. 2023.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete 20. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 27. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009. p. 243-27

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade* - curso no Collège de France, 1975-1976. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GREEN, J. N.; POLITO, R. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

HALBERSTAM, J. *Trans: uma guia rápida y peculiar de la variabilidade de género*. Barceloma, Madrid: Egales, 2017.

HALPERIN, D. M.; TRAUB, V. Beyond gay pride. In: HALPERIN, D. M.; TRAUB, V. (ed.). *Gay Shame*. Chicago: Univ. of Chicago Press, 2006.

HASLAM, N. *Psychology in the bathroom*. Londres: Palgrave Macmillan, 2012

HUMPREYS, L. *Tearoom trade: impersonal sex in public places*. Londres: Routledge 1975.

LATOURETTE, B. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Trad. Carlos Aurélio Mota de Souza, Bauru: EDUSC, 2004.

LEMKE, T. Rethinking biopolitics: The new materialism and the politics economy of life. In: WILME, S. E.; ŽUKAUSKAITĖ, A. (ed.). *Resisting biopolitics: philosophical, political, and performative strategies*. Londres: Routledge, 2016. p.57-73.

MATTHEWS, N.; SPEERS, L.; BALL, J. Bathroom banter: sex, love, and the bathroom wall. *Electronic Journal of Human Sexuality*, v.15, August 17, 2012. Disponível em < <http://ejhs.org/> >. Acesso em 24 fev. 2023.

MISKOLCI, R. Estranhos no paraíso: notas sobre os usos de aplicativos de busca de parceiros sexuais em San Francisco. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 47, ago. 2016. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/cpa/a/gXRzLb4v8HBVnyBFMTN3sWQ/abstract/?lang=pt> >. Acesso em 23 fev. 2023.

PAVEAU, M. A. *L'analyse du discours numerique: dictionnaire des formes et des pratiques*. Paris : Hermann Éditeurs, 2017.

PRECIADO, P.B. Lixo e gênero, mijar/cagar, masculino/feminino. *eRevista Performatus*, Inhumas, ano 7, n. 20, abr. 2019. Disponível em < <https://performatus.com.br/traducoes/lixo-e-genero/> >. Acesso em fev. 2023.

SANT'ANNA, D. B.; BUTTURI JUNIOR, A. A explosão do corpo: entrevista com Denise Bernuzzi de Sant'Anna. *Letra Magna* (Online), v. 26, p. 374-379, 2020. Disponível em < <http://revhistoria.usp.br/blog/?p=226> >. Acesso em 24 fev. 2023.

SHABABAR, A. E. Queer Bathroom Graffiti Matters: Agential Realism and Affective Temporalities. *Rhizomes: Cultural Studies in Emerging Knowledge*, v. 20, 2016. Disponível em < <http://www.rhizomes.net/issue30/shabbar/index.html> >. Acesso em: 10 nov. 2021.

SOARES, F. de F. Grafitos de banheiro: aproximações iniciais dos discursos masculinos sobre sexualidade. In: ISHII, R. A.; LUCKNER, J. M. V. (org.). *Letramentos e práticas de ensino*. Rio Branco: Nepan Editora, 2020. p.186-196.

TEIXEIRA, R.; OTTA, E. Grafitos de banheiro: um estudo de diferenças de gênero. *Estudos de Psicologia*, v. 3, n. 2, p. 229-250, 1998. Disponível < <https://www.scielo.br/j/epsic/a/v8wGVrc6PxRhwrBQt4WpCcM/abstract/?lang=pt> >. Acesso em 23 fev. 2023.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso*: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 6.ed. revista e ampliada. São Paulo: Record, 2010.

UFSC. *UFSC se mobiliza para repudiar e enfrentar atos de racismo*. 10 out. 2022. Disponível em: < <https://noticias.ufsc.br/2022/10/ufsc-se-mobiliza-para-repudiar-e-enfrentar-atos-de-racismo> >. Acesso em: 20 dez. 2022.

VILELA, G. J. *Um estudo sobre representações de sexualidade e atitudes sexuais de adolescentes de uma escola pública*: análise-descritiva de grafitos em carteiras escolares. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) – UNESP, Araraquara, 2017. Disponível em < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/150839> >. Acesso em 23 fev. 2023.